

Apresentação

Neste número, a *Revista Lumen* contempla um tema relevante e não menos atual: o fundamentalismo. Para tanto, destacamos artigos que tocam no referido tema a partir de problemáticas e olhares distintos. Disso resulta o tema deste dossiê: “As faces do fundamentalismo: economia, política e religião”.

Esta seção da revista contou com quatro importantes contribuições. O primeiro artigo, “Aspectos doutrinários fundamentalistas da expansão política, econômica e cultural dos Estados Unidos”, de Walter de Sousa Junior, faz uma abordagem cirúrgica da visão que o ocidente tem do fundamentalismo, pois é entre os cristãos que o termo é comumente empregado para se referir ao extremismo islâmico. Contudo, o autor pretende ir mais fundo, discutindo, também, se os Estados Unidos não teriam, sobretudo depois do ataque às torres gêmeas, convertido seus ideais democráticos e liberais numa espécie de fundamentalismo.

Em “Responsabilidade e culpa alemã: um diálogo entre Hannah Arendt e Karl Jaspers”, segundo artigo, Fabiano Tizzo apresenta um dos mais emblemáticos casos de fundamentalismo político e ideológico do século XX: o nazismo. A partir do diálogo teórico entre Arendt e Jaspers, o autor reflete sobre a culpa alemã em relação às atrocidades e crimes cometidos contra a humanidade, em especial contra os judeus, durante a Segunda Guerra Mundial.

“O aquecimento global como novo fundamentalismo econômico: reflexões sobre o discurso aquecimentista”, de Felipe Almeida dos Santos e Clara Ribeiro Silva, trata de uma questão importante: os pressupostos do fundamentalismo econômico na hipótese do aquecimento global, confrontando-os com os pressupostos da climatologia geográfica, com vistas a identificar os seus aspectos ideológicos – políticos e econômicos – que, na visão dos autores, estão calcados no alarmismo ambiental neomalthusiano.

O quarto artigo desta seção, “O fundamentalismo religioso: o uso da informação e a contrainformação numa sociedade que vive em redes de comunicação”, Rogério Neves discute o fundamentalismo religioso, enfatizando as várias formas de expressão religiosa no plano cultural em um mundo em que as redes de comunicação ganham a cena.

Abrindo a seção de artigos livres, o trabalho “A importância dos espectadores, como formadores de audiência, em relação às suas expectativas”, de Sidney Proetti, debate a relação entre os espectadores, e suas expectativas, e o contexto de audiência nos meios de comunicação de massa,

focando, pois, a relação entre esses dois polos: receptores de informação e transmissores de informação.

Antonio Ruzza, em “Dadaísmo e surrealismo: uma experiência no cinema”, busca destacar as contribuições dessas duas correntes, que transformaram a concepção de arte e cultura na primeira metade do século XX, tanto do ponto de vista estético quanto político, sobretudo no que se refere ao cinema.

O terceiro artigo livre, “Alfabetização no método sociolinguístico: uma proposta para o exercício da consciência social, silábica e alfabética”, de Valéria Batista e Mônica Bruna Forte, dedica-se ao tema da alfabetização à luz do método de Paulo Freire, a partir das reflexões de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, não só enfatizando a importância dos princípios linguísticos básicos, mas o desenvolvimento do olhar crítico do sujeito.

No quarto e último trabalho, “Educar é construir imagens: contribuição do cinema para um ensino jurídico de qualidade”, José Rubens Demoro Almeida reflete sobre a relação entre o cinema e o ensino nos cursos de Direito. Ele se propõe a desconstruir as concepções dogmáticas e ritualísticas que, em geral, caracterizam a didática dos professores de Direito em sala de aula e, concomitantemente, demonstrar que a linguagem fílmica e cinematográfica pode servir como instrumento valioso para o ensino do Direito.

Na seção dedicada a ensaios, Sidnei Ferreira de Vares discute em “Getúlio Vargas: as velhas práticas de um Estado Novo” as continuidades e discontinuidades entre as práticas políticas da República Velha e as práticas depois da Revolução de 1930. Para o autor, a violência constitui um elo entre esses dois períodos, conquanto, durante o Estado Novo, uma nova forma de dominação tenha sido incrementada: a propaganda político-ideológica acerca da figura de Vargas.

Por fim, na seção destinada às traduções, Jean Rodrigues Siqueira disponibiliza ao leitor um texto de John Searle intitulado “Nomes Próprios”.

Boa leitura!